

A reação de Patrícia, a filha do jornalista assassinado.

A primeira coisa que a filha do jornalista Alexandre von Baumgarten, Patrícia, fez ao chegar à 16ª DP, no dia 25 de outubro de 1982, logo após saber da localização do corpo de seu pai, foi perguntar se ele tinha sido assassinado ou morrido afogado.

Ela estava acompanhada de um oficial da Aeronáutica, amigo do jornalista, não chorava e estava muito tensa. Ao ser informada de que Baumgarten havia morrido afogado (ainda não se sabia dos tiros) pareceu aliviada.

Essa revelação foi feita ontem por um policial que estava na 16ª DP, por volta das 22h do dia em que o corpo do jornalista foi encontrado. Segundo o agente, os peritos que foram ao local onde o cadáver estava, na praia da Macumba, não queriam fotografá-lo, julgando que se tratava de um caso de afogamento. Pouco antes, porém, o delegado Romeu José Vieira, que era titular da 16ª DP, havia assistido um auxiliar enfiar um pequeno graveto num ferimento na cabeça do jornalista e o crânio não ofereceu resistência: o pequeno pedaço de pau penetrou vários centímetros, o que deixou o delegado curioso.

Quando os peritos chegaram e olharam o corpo, constataram, mesmo sem examiná-lo, que se tratava de um afogado e queriam ir embora. O delegado, entretanto, não concordou e pediu que fossem feitas as fotos. Um dos peritos explicou que, dias antes, um colega havia-se afogado nas proximidades das Ilhas Cagarras, em frente à praia de Ipanema e o corpo apareceu vários dias depois, em Maricá, no Norte fluminense, picado por peixes e dando a impressão de que havia recebido disparos de arma de fogo. Os peritos, então, examinaram cuidadosamente o corpo do colega e não encontraram nenhum sinal de violência. Diante disso, não viam necessidade de fotografar o corpo que acabara de ser encontrado.

O delegado Romeu José Vieira insistiu e chegou a travar um diálogo ríspido com os peritos, que acabaram fazendo uma única foto da cabeça do jornalista. O delegado também se aborreceu com os PMs que encontraram o jornalista, porque eles tocaram no corpo, retirando os documentos do bolso de Baumgarten.

O policial que revelou ontem esses fatos, ocorridos logo após a localização do corpo do jornalista, contou, ainda, que os criminosos queriam que o corpo fosse identificado. Os documentos, segundo seu relato, estavam "quase lacrados", dentro de um saco plástico grande, enrolados com todo o cuidado e amarrados, para que não fossem danificados pela ação da água, o que afinal conseguiram. "Não caiu uma gota de água neles", contou o policial.

Mar agitado

Esse mesmo policial participou de algumas diligências, que não constam do inquérito policial. Numa delas, chegou a percorrer várias delegacias do litoral fluminense, indagando se apareceram os corpos de um casal — Jeanette Hansen, mulher de Baumgarten, e o barqueiro Manuel Português. As respostas foram sempre negativas. Em outra diligência foram ouvidos pescadores e o dono de uma tendinha junto à colônia de pesca do Caju e soube-se que na sua última viagem Manuel Português havia saído sozinho com a traineira Mirimi, em direção à praça 15.

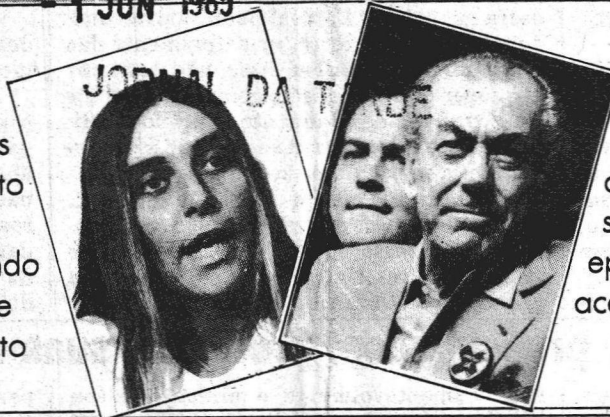
Esse mesmo policial foi informado pelos pescadores de que a traineira desaparecida não havia saído da Baía da Guanabara. Naquele 12 de outubro, quando a Mirimi saiu para levar Baumgarten, o mar estava muito agitado. As ondas chegavam a atingir as pistas de rolamento do litoral e o Salva-mar divulgava advertências através das estações de rádio, para que os barcos peque-



1 JUN 1985

O que sabia a filha de Baumgarten, Patrícia (à esq.)?

A reação contrária dos políticos do Rio às declarações de Brizola (à dir.). E o andamento das investigações. Os setores militares continuam considerando o caso como de polícia, o que foi confirmado ontem, em Porto Alegre, pelo diretor da



Escola de Guerra Naval, o vice-almirante Mário César Flores. Para ele, os envolvidos no caso, militares ou de qualquer outra profissão, caso sejam provadas suas culpas no episódio, devem ser punidos de acordo com a lei. "A Justiça tem suas regras e considerando conveniente fará o inquérito."

nos — a Mirimi tinha nove metros — não fossem para o alto mar. Manuel Português era experiente e cuidadoso e por isso não se arriscaria.

Os pescadores informaram ser muito mais fácil fazer um barco desaparecer dentro da Baía da Guanabara do que em alto mar. Dentro da Baía — revelaram eles aos policiais — não há ondas nem correnteza. Um barco pode ser naufragado e o que flutuar dele pode ser recolhido em seguida, sem problemas, para ser destruído posteriormente.

Maurício Menezes